



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

Eixo temático: Movimentos Sociais, Resistências e Serviço Social

O PRECARIADO ENTRE CICLOS: PERMANÊNCIAS, MUDANÇAS E CONTRADIÇÕES NO BRASIL, PORTUGAL E NO MUNDO (2011-2014 – 2022-2024)

Luís Augusto Vieira¹

Resumo

A precarização do trabalho, acentuada desde a crise de 2008, transformou garantias em questões, gerando o precariado: uma fração flutuante, fragmentada e vulnerável do proletariado. Este artigo analisa as continuidades e mudanças desse coletivo entre 2011–2014 e 2022–2024, com base em Marx, Antunes, Braga, Standing, Soeiro e pesquisa de campo do autor.

Abstract

The precariousness of work, accentuated since the 2008 crisis, has transformed guarantees into questions, creating the precariat: a floating, fragmented, and vulnerable segment of the proletariat. This article analyzes the continuities and changes of this collective between 2011–2014 and 2022–2024, drawing on Marx, Antunes, Braga, Standing, and Soeiro, as well as the author's field research.

Palavras-chave: Classe trabalhadora; Precariado; Trabalho; Plataformização; Capitalismo.

Keywords: Working class; Precariat; Labor; Platformization; Capitalism.

Introdução

¹ luis_augusto_vieira@ufg.br. Universidade Federal de Goiás.



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

A precarização do trabalho consolidou-se como uma marca estrutural do capitalismo contemporâneo. Desde a crise econômica de 2008, processos de reestruturação produtiva, financeirização e flexibilização vêm transformando antigas garantias laborais em exceções, dando origem ao conceito de “precariado” — uma fração instável e heterogênea do proletariado. Em diversos contextos globais, essa condição fundamentou ondas de protestos que marcaram a última década, da Primavera Árabe à Geração à Rasca em Portugal, dos Indignados na Espanha às Rebeliões de junho de 2013 no Brasil.

Se a primeira década do século XXI evidenciou a força mobilizadora desse sujeito coletivo, os anos subsequentes — marcados pela pandemia, inflação persistente e avanço da economia de plataformas digitais — complexificaram e fragmentaram ainda mais sua forma de existência.

Em *O Capital*, Marx (2017) identifica o exército industrial de reserva como uma condição permanente e indispensável à reprodução da força de trabalho sob o capitalismo. Segundo Antunes (2018), essa lógica se atualiza na globalização produtiva e na digitalização do trabalho, tornando a precariedade não uma exceção, mas uma forma predominante de exploração, intensificada pelas demandas do capitalismo pandêmico.

No que se refere ao sujeito precariado, Standing (2023) o descreve como uma multidão global caracterizada pelo desemprego estrutural, subemprego e ausência de representação política tradicional. Ruy Braga (2022) destaca como a plataformização fragmentou e isolou esse trabalhador, apontando para o papel disciplinador dos algoritmos e as novas barreiras à sua organização coletiva. Soeiro (2014, 2023) analisa o caso português como expressão europeia desse fenômeno, ressaltando o protagonismo da juventude precarizada em protestos massivos em Lisboa e Porto.

O presente trabalho é um desdobramento da tese de doutorado do autor e propõe analisar as permanências e transformações do precariado, comparando o ciclo de 2011–2014 ao período recente de 2022–2024. A investigação fundamenta-se em autores clássicos e contemporâneos, além de trechos da tese original do autor.

O precariado em perspectiva: ontem e hoje



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: A gente sobe a ladeira por liberdade

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

O precariado mundial

No cenário internacional, o precariado emergiu como força movimentalista nas manifestações que marcaram as últimas décadas, como a Primavera Árabe (2010–2011), a Geração à Rasca em Portugal (2011), os Indignados na Espanha (2011) e o movimento Occupy Wall Street nos Estados Unidos (2011), entre outras expressões significativas de revolta (Vieira, 2020).

Esses movimentos revelaram um novo sujeito coletivo composto majoritariamente por jovens qualificados, submetidos ao desemprego estrutural, subemprego e formas flexíveis e inseguras de trabalho. Caracteriza-se essa fração como uma nova parcela do proletariado, nos moldes marxianos, emergindo no contexto do capitalismo flexível — acumulando ocupações instáveis e direitos fragilizados.

Entre as principais características do precariado global destacavam-se:

- Instabilidade laboral;
- Condições de vida incertas;
- Desconfiança ou rejeição às formas clássicas de representação, como partidos políticos e sindicatos;
- Uso intenso de redes digitais como meio de mobilização;
- Adoção de formas renovadas de ação política, tais como assembleias horizontais e práticas de ação direta.

As manifestações protagonizadas por esse grupo guardavam semelhanças relevantes, tanto nas pautas gerais quanto nos métodos de atuação e nas reivindicações imediatas. Assim, o precariado mundial pode ser compreendido como uma fração global do proletariado — precarizada e mobilizada em ciclos de rebeliões.

O precariado português



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

No contexto de Portugal, a Geração à Rasca tornou-se a expressão mais emblemática do precariado nacional. Trata-se de uma juventude qualificada e precarizada, que emergiu em resposta à intensificação da precarização do trabalho, à difusão de contratos temporários e à elevada taxa de desemprego entre jovens — que chegou a atingir 40% (Soeiro, 2014).

Essas manifestações denunciavam não apenas a falta de perspectivas laborais, mas também a austeridade imposta pela Troika e pelo Estado português. Soeiro (2014) analisou esse fenômeno como consequência direta da erosão do Estado Social português e da implementação de políticas neoliberais.

Organizados de forma apartidária e à margem dos sindicatos — embora não necessariamente antipartidários ou antissindicais —, os jovens da Geração à Rasca criticaram de forma contundente a retórica liberal que opunha gerações como forma de justificar as políticas de austeridade. Segundo Vieira (2020), o movimento rejeitava o discurso liberal de guerra entre gerações e pressionava por um Estado Social efetivo, em processo de desmonte.

Em suma, o precariado português pode ser compreendido como uma juventude trabalhadora, organizada e crítica, símbolo da crise de austeridade e da crescente precarização das relações laborais em Portugal. Foi responsável pelas maiores mobilizações populares no país desde a Revolução dos Cravos, em 1974 (Soeiro, 2014).

O precariado brasileiro

No Brasil, o precariado ganhou destaque como sujeito político central nas Rebeliões de junho de 2013, projetando-se como uma força social autônoma. Segundo Vieira (2020), o precariado brasileiro emergiu como fração da classe trabalhadora urbana que tensionava o sindicalismo tradicional, operando fora das direções consolidadas e produzindo novas gramáticas de protesto. Para Braga (2012), essa nova fração da classe trabalhadora formou a base de conflitos urbanos inéditos, tensionando as direções sindicais consolidadas e exigindo formas de representação mais flexíveis.

Esse conjunto heterogêneo era composto por:



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

- Jovens trabalhadores precarizados;
- Estudantes endividados;
- Profissionais de serviços uberizados;
- Autônomos sem proteção social ou respaldo sindical.

Atuando fora das estruturas das centrais sindicais (CUT, Força Sindical, CSP-Conlutas), o precariado em luta expressava pautas difusas que abarcavam desde direitos sociais, passando pela mobilidade urbana a serviços públicos de qualidade (Vieira, 2020).

Para Vieira (2020), o surgimento desse sujeito refletiu a crise estrutural do trabalho no Brasil, marcada pela flexibilização de contratos, terceirização e políticas de contenção de direitos sociais no contexto do neoliberalismo.

Na investigação original do autor, junho de 2013 está inserido na “Era das Rebeliões”, articulando-se com movimentos globais como a Primavera Árabe, os Indignados espanhóis, o Occupy Wall Street e a Geração à Rasca em Portugal (Vieira, 2020).

E se essa era a situação do precariado naquele contexto, como estaria uma década depois? O quadro e discussões a seguir trazem parte diminuta desse movimento.

Quadro 1 – Principais elementos comparativos do precariado brasileiro (2011–2014 vs. 2022–2024)

Aspecto	2011–2014	2022–2024
Contexto	Crise global, austeridade, Primavera Árabe, Indignados Espanhóis, Geração à Rasca, Rebeliões de junho.	Pandemia, inflação persistente, plataformação, inteligência artificial (IA), guerra na Ucrânia, massacre na Palestina, crise habitacional.
Sujeitos	Jovens qualificados, estudantes, desempregados, autônomos.	Mesmos sujeitos atuando em plataformas, freelancers digitais, motoristas de aplicativo, microtarefas de IA, migrantes.



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

Formas de ação	Assembleias, redes horizontais, acampadas, recusa de partidos e sindicatos.	Greves globais em apps, sindicatos digitais, cooperativas de riders, greves nas plataformas.
Demandas	Direitos sociais, democratização, serviços públicos.	Regulação de algoritmos, proteção social mínima, renda básica, direito à cidade.
Relação com sindicatos	Rejeição ou distância.	Persistência da distância, mas surgem formas híbridas de organização.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Vieira (2020), Antunes (2018, 2022), Braga (2012, 2022), Standing (2023) e Soeiro (2014, 2023).

O que permanece

Nos dois ciclos analisados, o precariado expressa o exército industrial de reserva — aquele tão necessário ao capital quanto o trabalho produtivo (Marx, 2017) — em sua forma fragmentada e flexível. Permanece sobre esse sujeito o peso do desemprego, do subemprego e da informalidade, conforme assinala Antunes: “a precarização tornou-se regra do trabalho no capitalismo contemporâneo” (Antunes, 2018, p. 56).

Em 2011–2014, jovens urbanos protagonizaram movimentos como a Primavera Árabe, a Geração à Rasca, os Indignados Espanhóis e as Rebeliões de junho de 2013. Uma década depois, essa mesma faixa etária compõe o núcleo da gig economy, do microtrabalho de inteligência artificial e da uberização.

Ambos os ciclos apontam para uma profunda crise de mediação política: os sujeitos precarizados mantêm distância dos sindicatos e partidos clássicos. Como afirmaram Negri e Hardt, formam-se “multidões que não aceitam lideranças clássicas, partidos, sindicatos tradicionais” (Negri; Hardt, 2011, s/p).



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

Em 2011–2014 e em 2022–2024, o conflito urbano se materializa na luta pela cidade. Ocupações, bloqueios, greves e reivindicações por transporte, moradia e serviços públicos continuam a ser o campo privilegiado de atuação do precariado.

O que muda

Antes, o precariado aparecia nas ruas, praças e acampamentos. Hoje, está organizado em redes invisíveis de trabalho digital, entregas, microtarefas e *freelas*. As plataformas transformaram a precariedade em mercadoria *on demand*; segundo Braga (2022), os algoritmos vêm substituindo o capataz nas indústrias. Para Standing, “o trabalho em plataforma corporifica a nova forma de controle, disciplina e fragmentação” (Standing, 2023, p. 10).

Surgem também as primeiras experiências reais de greves globais sincronizadas de trabalhadores de plataformas (Uber, Amazon, Deliveroo) — algo inexistente em 2011–2014. Segundo Braga (2022), movimentos como Breques do iFood, Riders United e Amazon Workers International expressam uma tentativa de reverter a dispersão atual.

Em 2011–2014, a recusa aos sindicatos era quase total, com algumas nuances, como na Geração à Rasca em Portugal (Vieira, 2020). Agora, emergem tentativas de sindicalismo digital, cooperativas de plataformas e federações de entregadores, ainda incipientes e muitas vezes distantes do sindicalismo tradicional, enfrentando sabotagem patronal (Antunes, 2022).

Em 2011–2014, o precariado ainda aparecia fisicamente em massa, por meio de protestos e acampadas. Hoje, fragmentado em milhões de contratos individuais mediados por algoritmos, sua articulação e ação coletiva tornam-se mais difíceis.

Finalmente, as redes sociais, antes ferramentas de convocação, são hoje também local de trabalho e sistemas de controle (apps, algoritmos, IA). “O microtrabalho de IA e a moderação de conteúdo terceirizada evidenciam uma classe invisível” (Standing, 2023, p. 12).

Permanências e mudanças



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

A comparação dos ciclos revela que, apesar de duas décadas de rebeliões e crises, o precariado não desapareceu. Pelo contrário, permanece como uma fração estrutural do proletariado, mantendo uma contradição central do capitalismo contemporâneo: a incapacidade de garantir trabalho estável e direitos mínimos a parcelas crescentes da população.

Seu núcleo de sujeitos permanece o mesmo: trabalhadores jovens, fragmentados, desprotegidos, conectados por redes instáveis, que vivem a angústia da incerteza como regra de vida. Se antes se faziam visíveis nas ruas e praças — como a Geração à Rasca, os Indignados espanhóis e os rebeldes de junho (Soeiro, 2014; Vieira, 2020) —, hoje se diluem em milhões de contratos digitais, regidos por algoritmos que controlam, punem e dispersam os trabalhadores (Braga, 2022), exigindo novas formas de organização, ação e resistência.

Embora compartilhem a condição de insegurança, instabilidade e descrença nas formas tradicionais de representação, os precários diferem em seus contextos: na Europa periférica, como Portugal, a precarização do trabalho e o desemprego em massa atingem uma juventude que protagonizou a Geração à Rasca. Suas lutas articulam-se diretamente à crítica da austeridade e à defesa do Estado Social, enquanto este precariado se espreme entre a gentrificação e o turismo massivo, revivendo ciclos migratórios que expulsam cérebros e braços jovens (Soeiro, 2022).

No Brasil, emergem em um quadro de informalidade estrutural, desigualdade extrema e sindicalismo fragmentado, com uma uberização sem freios expondo a face mais crua da informalidade historicamente latino-americana. O precariado negro e periférico, privado de direitos, torna-se visível nas ruas quando bloqueia aplicativos e cruza avenidas em “breques”, projetando o espaço urbano como campo central de disputa e tensionando formas clássicas de organização e representação.

Em comum, esses grupos revelam uma potência política em disputa — ora difusa e espontânea, ora organizada em novas formas — que tensiona sindicatos, partidos e velhas mediações, colocando na agenda a urgência do repensar de estratégias de organização e representação que respondam às novas formas de exploração e fragmentação da classe trabalhadora global.



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

E se a plataformação e a IA reforçam a disciplina flexível e isolam o trabalhador em milhões de contratos solitários, dificultando a ação coletiva, sinais de reinvenção ainda emergem — no centro global, o novo precariado digital que alimenta algoritmos de IA conecta-se a greves transnacionais, colocando em xeque os sindicatos fordistas do século XX. Assim como há desmontes de direitos e fragmentação, também há lutas e resistência que demonstram que, mesmo pulverizado, o precariado atual redescobre a força para enfrentar o fluxo do capital — seja nas ruas, seja nos cabos de fibra óptica. Não se limita à periferia, mas se expande pelo globo, configurando tanto uma nova forma padrão de trabalho quanto de organização e resistência.

Considerações finais

O precariado entre ciclos evidencia a precariedade como elemento constitutivo do capital, constituindo o exército industrial de reserva descrito por Marx (2017). A lógica do capitalismo flexível converteu a precariedade em regra, não em exceção, impondo informalidade estrutural, baixa proteção social e incerteza permanente como condição de vida (Antunes, 2018).

Outro traço persistente é o perfil desse grupo: majoritariamente jovem, urbano, racializado e disperso em contratos instáveis. A recusa às mediações clássicas — sindicatos e partidos — persiste, pois essas instituições, na maioria das vezes, não conseguem abarcar integralmente um sujeito que opera fora dos moldes fordistas (Braga, 2022).

A mudança mais marcante reside no salto tecnológico. Se antes as ruas e praças (Tahrir, Puerta del Sol, Rossio e vias brasileiras) eram o palco central das lutas (Antunes, 2018; Soeiro, 2014), hoje a disputa ocorre também nos cabos de fibra óptica. Os algoritmos substituem o capataz industrial (Braga, 2022), tornando a exploração mais fragmentada e invisível. As redes sociais deixaram de ser apenas espaços de mobilização para se tornarem ferramentas de trabalho, controle e vigilância. A ação coletiva, que em 2011–2014 ainda era visível, dispersa-se agora em contratos e microrrevoltas digitais (Standing, 2023).



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

A escala da reação se expande, com breques globais sincronizados — Amazon Workers International, movimentos de entregadores do iFood, Riders United — ainda frágeis, mas sinalizando tentativas inéditas de restabelecer solidariedade em âmbito transnacional (Braga, 2022).

Assim, o precariado de 2022–2024 não rompe com seu antecessor: antes, o radicaliza. Amplia o campo da fragmentação e da dificuldade de organização, mas também abre fissuras para novas formas de sindicalismo digital, cooperativismo de plataforma e federações de trabalhadores (Antunes, 2022).

Entre breques de aplicativos e ocupações por moradia, coloca-se o desafio de reatar os fios entre a indignação dispersa e a força coletiva organizada. A grande questão permanece: quem organizará o precariado global? De que modo transformar a raiva individual e invisível em poder político capaz de enfrentar não apenas o patrão visível, mas o algoritmo invisível?

O futuro dessas lutas dependerá da capacidade de rearticular sujeitos dispersos em redes horizontais e ações diretas, desenvolvendo estratégias organizativas robustas para enfrentar o aprofundamento da precariedade e da flexibilização.

Referências

ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. *Capitalismo pandêmico*. São Paulo: Boitempo, 2022.

BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. Breques dos apps e nova classe trabalhadora. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BRASIL. Projeto de Lei nº 12, de 12 de janeiro de 2024. Dispõe sobre a regulamentação do trabalho por aplicativos. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, DF, 12 jan. 2024.

DELGADO, Gabriela Neves; DELGADO, Maurício Godinho. Trabalhadores de plataforma digital: entre a informalidade e a dependência econômica. *Revista LTr*, São Paulo, v. 85, n. 3, p. 120–135, mar. 2021.



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

IPEA — Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Trabalho por aplicativos no Brasil: perfil dos trabalhadores e desafios regulatórios*. Brasília: IPEA, 2022. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2025.

KOVÁCS, Ilona. Plataformização e fragmentação do trabalho: desafios para a ação coletiva. *Cadernos CRH*, Salvador, v. 35, n. 1, p. 1–18, 2022.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2017.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SILVA, João. Inteligência artificial e microtarefas: o novo rosto da exploração digital. *Revista Tecnologia e Sociedade*, Curitiba, v. 18, n. 1, p. 33–50, 2024.

SOEIRO, José. *A geração à rasca e o precariado em Portugal*. Lisboa: Almedina, 2014.

_____. Artigos diversos. *Le Monde Diplomatique Portugal*, Lisboa, 2023. Disponível em: <https://www.diplomatique.pt>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SOUZA, Raquel Rolnik. *O direito à cidade e a crise habitacional contemporânea*. São Paulo: Editora 34, 2021.

STANDING, Guy. *The precariat: pandemic, platform and protest*. London: Bloomsbury, 2023.

TAVARES, Felipe. Sindicatos digitais e cooperativas de plataforma: alternativas à precarização. *Revista Direito e Trabalho*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 89–105, 2023.

VIEIRA, Luís Augusto. *As rebeliões de junho de 2013 para as centrais sindicais da classe trabalhadora brasileira*. 2020. 359 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.